

Logo de início Chico corrige o título do livro de Humberto Rohden, que é "Novo Testamento".

Revela, em seguida, ter perdido duzentas páginas psicografadas dos originais de um livro. Em razão disso previne a Wantuil para que se acautele.

Uma pergunta pode ocorrer: por que os Amigos Espirituais não auxiliaram para que os originais fossem encontrados? Conforme já foi dito, o médium é o guardião de todo o acervo ditado pelo Mundo Espiritual e compete-lhe zelar para que a obra siga o seu curso natural no plano terreno. Essa é a sua responsabilidade e ele responderá por ela.

Chico teve algumas contrariedades nesse campo, visto que por mais de uma vez houve extravio de originais.

## Mandato mediúnico

31-10-1946

“(...) Não me digas que o nosso companheiro falou a verdade a meu respeito em “Um só Senhor”. A parte que me foi “debitada” é terrível. Sabe Deus como me dói o mandato mediúnico: E dói-me porque me veste de “penas de pavão”, escondendo minhas feridas. Toda gente julga que sou um espírito sô, quando não passo de pobre alma em provas, com um coração enfermo e imperfeito. (...)”

Deduz-se que Chico está sendo elogiado de uma forma que o desagradou. Com o transcurso dos anos, em decorrência do seu próprio trabalho, cresceram e avultaram os elogios em torno da figura, por todos amada, de Chico Xavier.

Quanto mais ele se mostra humilde, simples e modesto, mais e mais elogios recebe da parte de quantos se mostram reconhecidos. É realmente difícil aproximar-se de Chico e controlar o impulso que temos de agradecer-lhe e agradá-lo de todas as maneiras. É realmente difícil controlar o impulso de um coração agradecido, que teve lenida a sua dor, através de mensagem de um ente que-

rido que do plano espiritual transmite o seu recado pelas mãos de Chico Xavier.

Hoje, Chico Xavier talvez já esteja mais acostumado. Entretanto, em 1946, ele escreve: "E dói-me porque me veste de "penas de pavão", escondendo minhas feridas." Observemos que o médium não reclama do sacrificial labor, das graves responsabilidades inerentes ao mandato mediúnico. Queixa-se, sim, porque sentindo-se enfermo e imperfeito é visto por todos em condições opostas, graças às suas notáveis aptidões mediúnicas.

*"É uma lembrança feliz mostrar o "impessoalismo" do serviço. E o artigo publicado revela continuidade de esforço para a consolidação da obra de todos com o Cristo, não é? (...) Dr. Guillon esteve em teu grupo doméstico, por intermédio do Celani, igualmente como acontece no grupo da residência do Rocha? Espero as tuas informações. (...)"*

Grato pela cópia da carta endereçada neste mês ao Diretor de "O Espiritualista". Achei interessante o plágio. Há tempos, quando compareci pela última vez numa grande reunião espiritualista em B. Horizonte, foi declamada uma poesia que reconheci bem. Consta do "Parnaso", desde a primeira edição, mas a jovem declamadora apresentou um cavalheiro bem posto e de muito nome na doutrina, então presente, como sendo autor. O senhor foi muito cumprimentado e tive de abraçá-lo também por minha vez. Ele recebeu meu abraço muito pálido e desconcertado, mas, no fundo, eu achei muita graça em tudo. (...)"

Chico considera que o serviço é de todos com o Cristo, não cabendo personalismos vaidosos. Acha que o artigo estampado em "Reformador" expressa com felicidade o

"impessoalismo" da obra espírita, sem referência a pessoas ou a uma pessoa em particular.

O episódio narrado na carta é muitíssimo interessante. Qualquer outra pessoa dificilmente deixaria de retificar o erro da declamadora e de reclamar para si o direito de se dizer autor, ou, no caso, médium. Mas Chico é assim mesmo. Não segue o comportamento habitual das outras pessoas. Assistiu à declamação, ouviu os aplausos, e, também ele, acabou por cumprimentar o "autor", que muito sem jeito nem teve palavras para dizer nada.

E Chico Xavier, intimamente, apenas achou graça de tudo.